

35º Encontro Anual da Anpocs

GT 07- Dimensões do Urbano: tempo e escalas em composição

**Mobilidade Social e Fluxos Intra-urbanos: o deslocamento espacial como valor**

Rogéria Campos de Almeida Dutra

# Mobilidade social e fluxos intra-urbanos: o deslocamento espacial como valor

Rogéria Campos de Almeida Dutra<sup>1</sup>

## 1. Mobilidade espacial e trajetória

Este trabalho tem como objetivo a investigação da questão da mobilidade espacial na cidade do Rio de Janeiro a partir da trajetória de duas famílias representantes das camadas médias, cujo itinerário urbano vem refletir a dinâmica do processo de segregação espacial que vem ocorrendo nesta cidade. Atualmente morando em pontos diferenciados da cidade, a primeira residente na Zona Norte e a segunda na Zona Sul, ambas trazem como marco em sua história a situação de migrantes que vieram para a cidade do Rio de Janeiro, e posteriormente a situação de deslocamento residencial intra-urbano. A mobilidade espacial nestes casos encontra-se intimamente relacionada à mobilidade social, bem como às mudanças de fase do ciclo de vida familiar. Procura-se analisar de forma etnográfica o processo de construção deste itinerário como fruto de uma visão de mundo e estilo de vida específicos, capaz de traduzir a divisão simbólica do espaço urbano.

O fenômeno da mobilidade espacial, entendida aqui no sentido tanto dos deslocamentos de longa distância, entre cidades ou regiões, quanto os de curta distância, dentro da própria cidade, se revela como importante componente do processo de organização social e da dinâmica urbana, o qual podemos analisar em diferentes escalas. Sob a ótica de fenômenos macroestruturais tais como a reestruturação econômica do país ou a dinâmica dos empreendimentos imobiliários na cidade, e por outro lado, pela perspectiva da trajetória de seus habitantes, que se apresentam como depoimentos vivos e vivenciados deste

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora

processo. Ao lado do mercado imobiliário enquanto instrumento eficaz de distribuição do acesso, temos como contrapartida a operação de valores culturais de determinados setores sociais que se deslocam, que orientam suas condutas. Em face ao contexto urbano de fragmentação de papéis e descontinuidades simbólicas, a noção de projeto (Velho, 1981) vem conferir sentido à trajetória biográfica, que neste contexto analisado, se produz (e simultaneamente se faz resultado da) na trajetória espacial destes grupos.

Os fluxos intra-urbanos fazem parte de um processo de estruturação interna da cidade, que sinalizam padrões de mobilidade espacial, no qual podemos identificar a hierarquização dos espaços. Não há como se estabelecer uma precedência rígida na ordem cronológica de fatores que promovem esta reestruturação; o que se observa são fatores que se inter relacionam tais como a intervenção de políticas públicas de urbanização e habitação, e o provimento de equipamentos comerciais e de serviços. Contudo, os investimentos imobiliários são capazes de se sintonizar com uma diferenciação mais sutil, operada na forma como as regiões são classificadas moralmente, utilizando-se de diversas estratégias de diferenciação das moradias para atrair a demanda. Nos termos de Bourdieu (2007), o espaço social pode ser compreendido como espaço de posições sociais organizado sob a lógica da distinção, tendo assim sua ocupação tanto um conteúdo material quanto de representação social.

Este processo atinge de forma peculiar as camadas médias, caracterizadas por sua natureza de instabilidade potencial, tanto social quanto espacial, em função de uma posição “intermediária” na estrutura social. No caso particular de um país de Terceiro Mundo como o Brasil, sua emergência é relativamente recente. Antes que posições fortemente demarcadas pelas gerações anteriores, são setores que trazem consigo a marca da instabilidade, no sentido do imperativo do “vir a ser”, fato este traduzido pelo empenho no projeto de ascensão social. Desta forma, os deslocamentos espaciais atuam como marcos de referência à conquista de mais elevado padrão de acesso e consumo, instituintes de novos modos de vida.

A investigação antropológica nas cidades, antes que se ater a um determinismo simplificado onde o ambiente assumiria fator preponderante no

comportamento de grupos humanos, enfatiza a necessidade de se debruçar sobre processos sociais que ocorrem nos espaços urbanos. A proposta de Robert Park e outros representantes da Escola de Chicago na investigação social da cidade traz como grande contribuição o entendimento de uma perspectiva de ecologia distante das representações do senso comum, associadas a ambientes “naturais”, mas que enfatiza a dinâmica dos processos de relações dos homens entre si em contextos até então pouco experimentados. Neste sentido, outro aspecto que se destaca em relação aos fluxos intra-urbanos refere-se a sua relação com os vínculos sociais. As trajetórias residenciais associam-se também a transformações ocorridas no âmbito familiar e na organização dos grupos de parentesco, seja através de mudanças de fase do ciclo de vida deste grupo – estilizados na seqüência independência financeira da prole, casamento, filhos – ,seja pela ruptura dos laços matrimoniais, onde a separação instaura a necessidade de mudança “para frente”, ou seja,mais frequentemente a constituição de uma nova residência do que um retorno ao ambiente familiar/residencial de origem. O espaço construído atua tanto como suporte dos vínculos sociais como também interfere nas modalidades de vínculos e práticas sociais. Os substratos físicos da vida social, no caso a residência, a rua, o bairro refletem níveis diferenciados de cristalização da vida social, onde maneiras de ser nada mais são do que maneiras de fazer consolidadas.

## 2. Fronteiras espaciais em movimento: a cidade do Rio de Janeiro

O processo histórico da estruturação intra-urbana da cidade do Rio de Janeiro se define nas três primeiras décadas do século XX pela constituição de um núcleo valorizado em termos de equipamentos e serviços urbanos em contraponto a uma periferia caracterizada pela ausência destes recursos. Nas décadas seguintes o binômio núcleo-periferia se redefine a partir de investimentos imobiliários na Zona Sul, a principio no bairro de Copacabana e

posteriormente observando-se a expansão da fronteira imobiliária para os bairros de Ipanema e Leblon. A situação da Zona Sul como “paisagem emergente” é reflexo, dentre outros fatores, de um processo de reavaliação dos atributos ambientais, no caso, a praia, que passa assumir novos sentidos em função de uma sociedade onde o lazer e o consumo passam gradativamente a assumir proporções antes desconhecidas. Corbin (1989) chama a atenção de como a praia foi, até meados do séc.XIX, relegada a um plano secundário pelos habitantes das cidades, ou em seus termos, um “território do vazio”. Copacabana assiste a verticalização de seu espaço através do lançamento no mercado de uma grande quantidade de apartamentos pequenos atraindo famílias “trade off”, que trocam a perspectiva do consumo do solo por acessibilidade e uma ascensão na hierarquia sócio-espacial (Velho, 1973; Lago, 2000). Esta forma de ocupação de Copacabana provoca o deslocamento dos grupos de maior renda para áreas como Ipanema e posteriormente Leblon e Lagoa. Com a estabilização do ciclo de vida da Zona Sul, ocorre a partir da década de 80 a redefinição de estratégias dos capitais imobiliários que passam a atuar em direção a novos territórios, como a Zona Norte e Barra da Tijuca, operando desta forma a re-significação dos espaços. A Barra da Tijuca, por exemplo, como fronteira relativamente recente de expansão imobiliária da cidade epitomiza a mobilidade ascendente.

A trajetória destes dois grupos familiares tem em comum a vinda para a cidade do Rio de Janeiro. O primeiro grupo tem antecedentes de deslocamentos no próprio estado de origem, Minas Gerais, quando ainda jovens, os cônjuges deixam suas cidades natais para estudar na capital, Belo Horizonte. Advogados, nesta cidade se casam e poucos anos depois decidem vir para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades. O período de chegada na capital carioca no princípio da década de 70 do século passado é testemunho do ritmo crescente dos deslocamentos populacionais verificado nos anos 60 e 70 no Brasil, motivado pela expansão industrial nas grandes áreas urbanas.

A diminuição dos deslocamentos interregionais na década de 80 passa a ser compensada pelo aumento significativo dos migrantes vindos do interior do próprio estado, momento este em que a diminuição do fluxo migratório do

Nordeste, por exemplo, é compensada pela chegada de mais de 70 mil interioranos do próprio estado do Rio de Janeiro.(LAGO, 2000) É neste contexto que se localiza a chegada do segundo grupo familiar, vindo de uma pequena cidade do interior deste estado.

A partir de então estes dois grupos passam a atuar como atores neste cenário dinâmico de estruturação e reestruturação do espaço na cidade do Rio de Janeiro, onde assistem o processo de ascensão social bem como do alargamento de seu campo de possibilidades.

### 3. A reorganização do espaço urbano brasileiro

A reorganização do espaço urbano brasileiro no decorrer do século passado caracteriza-se pela concentração progressiva e acentuada da população nas cidades, resultado do processo de crescimento econômico e de industrialização em nossa sociedade, que foram rápidos e praticamente ininterruptos. De fato, o Brasil teve o crescimento econômico mais rápido entre os países da América Latina entre as décadas de 50 e 80, assegurado não somente pelo apoio do Estado através de políticas de fomento ao desenvolvimento industrial, como também pela maior integração do mercado nacional. O padrão de redistribuição espacial da população brasileira deste período – o êxodo rural expressivo aliado aos fluxos migratórios em direção à região sudeste do país – reflete a alocação espacial das atividades econômicas centrais, em grande parte, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Ao promover o deslocamento populacional, estimular o processo de urbanização, o desenvolvimento do setor moderno da economia neste período produz alterações na estrutura do mercado de trabalho. Observa-se a transferência expressiva da mão-de-obra do setor agrário para os setores industrial e de serviços,, resultando, conseqüentemente em modificações na estrutura de classes da sociedade brasileira. Em primeiro lugar podemos destacar a expansão das relações de trabalho capitalistas durante as décadas de 60 e 70, ou seja, ocorre uma ampliação do processo de inclusão ao mercado

de trabalho – enquanto em 1960 menos que a metade da População Economicamente Ativa estava empregada, em 1980 este índice aproxima-se de 70%(RIBEIRO & SCALON, 2001). Observa-se, neste sentido, a íntima relação entre aquecimento do setor industrial, êxodo rural, intensificação dos fluxos migratórios e a inclusão no mercado de trabalho. Vale destacar que de fato os deslocamentos populacionais não são resultado simplesmente de fatores atrativos das regiões almeçadas, mas também por fatores de “expulsão” de sua própria região de origem. Se neste período observamos uma aposta política e ideológica no desenvolvimento industrial como forma de fomentação da autonomia do país, por outro lado, não devemos esquecer o processo de retração econômica das atividades agropastoris no interior do país. O trabalho clássico de Antonio Candido(1987) sobre a comunidade de Bofete é testemunho deste processo.

Em termos estruturais, o avanço no entendimento dos movimentos migratórios foi alcançado através de tipologias que procuravam traduzir padrões de regularidade que fossem encontrados nas sociedades urbano-industriais. A proposta de Zelinski destacada por Pacheco & Patarra (1997) traz um modelo, que apesar do cunho evolucionista, destaca a dinâmica dos deslocamentos populacionais, chamado por ele de “transição de mobilidade”. Centrada no processo de urbanização de tipos diversos de sociedade podemos, contudo, utilizá-la como forma de interpretação dos diferentes momentos vividos pela sociedade brasileira. Enquanto na sociedade industrial, intensiva em trabalho, – aqui associada ao período de forte crescimento industrial na sociedade brasileira entre as décadas de 50 e 80 do século passado - identifica-se o padrão de migração rural-urbano; na sociedade pós-industrial, intensiva em capital com ênfase nos serviços – aqui associado à década de 90 -, o padrão de migratório se definiria predominantemente pela migração urbano-urbano.

Esta população que se insere no mercado formalizado, a partir da década de 50 vem atender a demanda da divisão social do trabalho em contínuo processo de segmentação e especialização em face ao desenvolvimento das forças produtivas. A expansão dos extratos ocupacionais intermediários como reflexo do processo de burocratização do trabalho pode ser identificada através

do aumento significativo dos postos não manuais de rotina – de 2,5 milhões na década de 60, salta para 8,2 milhões em 1980 – apontando para o surgimento de uma nova classe média urbana.(RIBEIRO & SCALON, 2001) Vale destacar que a evolução do trabalho urbanizado na sociedade brasileira, no que se refere aos setores intermediários, ocorre primeiramente com o alargamento de postos de trabalho no setor industrial, nas décadas de 60 e 70 e posteriormente com maior ênfase no setor terciário.

Os movimentos migratórios tem sido objeto de uma série de reflexões na busca de sua explicação e padrões de regularidade. Em geral, a trajetória de análises dos movimentos populacionais tem sido marcada pela associação entre atividades econômicas e deslocamentos espaciais. Contudo tais explicações estruturais requerem a complementação da força da decisão individual e familiar frente aos estímulos externos. Há fatores de expulsão e de atração, causas estruturais e motivações pessoais que influenciam na avaliação sobre os benefícios do deslocamento. É neste sentido que se pretende então analisar a trajetória de dois grupos familiares que migram para a cidade do Rio de Janeiro, ou seja, aliado aos fatores estruturais, macro-econômicos acima citados, pretende-se analisar o processo de motivações e decisões, de âmbito individual e familiar deste deslocamento.

#### 4. Duas trajetórias

##### 4.1. Na Zona Sul

O primeiro grupo chega à cidade na década de 70, pais e cinco filhos, e vão morar em Copacabana, em um apartamento de um quarto, adquirido com dinheiro apurado pela venda de imóvel próprio na capital mineira. Apesar de ambos os cônjuges serem advogados, nenhum dos dois exercem neste momento sua profissão. A mãe, Celina, faz a opção, desde o casamento, de não trabalhar fora em função do cuidado com os filhos, enquanto o pai, Walter, chega à cidade com o intuito de retomar a profissão após algumas tentativas mal sucedidas no ramo comercial na cidade de Belo Horizonte. A saída da



capital mineira tem para o casal um sentido de aventura, o desejo de se desligarem da rede de parentesco, do universo “dos conhecidos” e das perspectivas limitadas que encontravam para se estruturar financeiramente naquele local. Escolhem a cidade do Rio de Janeiro em busca das oportunidades que a cidade grande poderia oferecer, e a zona sul, pela proximidade da praia, objetivando o lazer de suas crianças. Esta decisão é marcada pela ruptura com o passado – nos termos de Celina, de “*não olhar para trás*”- e muito menos depender do apoio de seus pais. Atualmente, já avós, Celina justifica o fato de não ajudar os filhos na criação dos netos exatamente por ter criado seus filhos “*sem a ajuda de ninguém*”, a não ser pelo apoio de uma empregada doméstica que acompanha o grupo nestes 35 anos de trajetória na cidade carioca.

Na medida em que Walter se estabelece profissionalmente decidem trocar o imóvel de Copacabana por um apartamento de dois quartos no bairro do Flamengo. A estratégia para o acesso a um imóvel maior se define pela venda do imóvel em que residiam e o pagamento do restante em prestações. A mudança, portanto, consiste para este casal, em momento dramático, onde em meio a incerteza, é preciso mais acertar do que errar. A escolha do local é fruto de uma equação complicada entre oportunidade de compra atrelada à possibilidade de venda do imóvel anterior, associado à necessidade de condições de infra-estrutura do lugar adequadas para uma família com filhos na idade escolar. Neste momento, era necessário que a moradia fosse próxima a rede de instituições de ensino, de forma a facilitar o estudo dos filhos. A perspectiva da segurança no trabalho é conquistada enfim com a aprovação de Walter em concurso para juiz, e é a partir desta inserção no judiciário que Walter, alguns anos depois, recebe a proposta de compra de um apartamento maior no Leblon. Objeto de inventário de um velho casal de portugueses, cujos filhos haviam se mudado para São Paulo, a família se envolveu numa corrida contra o tempo para conseguir vender o apartamento no Flamengo em tempo hábil para aquisição deste imóvel.

A família se estabelece então neste conjunto residencial, composto por três blocos, de três andares cada, construídos na década de 50 do século passado.

Constituído de apartamentos amplos de três quartos, o conjunto possui, em cada um dos blocos um apartamento no andar térreo para residência do porteiro e sua família. Celina aponta com curiosidade a freqüência de migrantes nordestinos nesta função, tal qual sua empregada, que veio para Rio de Janeiro à procura de seu marido, nunca mais encontrado. Neste apartamento os filhos do casal atingem a maioridade, fazem curso superior e vão paulatinamente deixando a casa paterna, com exceção do filho caçula que insiste na carreira de músico, dando aulas de guitarra para sobreviver e permanecendo com os pais. Os filhos se casam, dois moram no exterior, um se estabelece em Minas Gerais e a filha mais velha decide morar com a família nas proximidades do Jardim Botânico para melhor olhar os pais. Walter então oferece uma pequena quitinete em Copacabana - adquirida como forma de investimento- para o caçula morar, apesar da posição contrária de Celina, que se preocupa com o excesso de atitudes condescendentes com o filho, “*que precisa se definir*”. A nova fase do ciclo de vida do casal ocorre simultânea à aposentadoria de Walter. Decidem reformar o apartamento, ampliando os cômodos, desfazendo-se de um dos quartos. Atualmente usufruem de uma rede de amigos no Leblon e da oferta de recursos sociais do bairro, como academias de ginástica, lojas e mesmo a praia para caminhadas. Pergunto então a Celina a respeito de seu próximo projeto de mudança de residência, ao que me responde que dali só sairá para Japarepaguá, referindo-se a seu plano funerário.

#### 4.2. Na Zona Norte

A família de Bernardo chega ao Rio de Janeiro na década de 80, vindos de uma pequena cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, Monte Belo. Diferentemente de seus conterrâneos e parentes, que tradicionalmente se estabelecem na região do Grajaú, os pais de Bernardo vão morar no bairro da Glória em um pequeno apartamento alugado. Aos 9 anos de idade Bernardo perde o pai, a mãe consegue um emprego no supermercado e o garoto passa a trabalhar para ajudar a mãe. Quando completa 14 anos é convidado para trabalhar na firma de contabilidade de seu tio e padrinho, como *office boy*,

dividindo seu tempo entre trabalho , estudos e visitas freqüentes a cidade natal. Assiste a uma ascensão na empresa do tio e quando este se aposenta, assume a direção. Casa-se então com Elisa, sua conterrânea, namorada do período de adolescência. Ao contrário de Bernardo, Elisa sempre havia vivido em Monte Belo, vindo para o Rio de Janeiro após o casamento, para morar em apartamento alugado na Tijuca. Professora das primeiras séries do ensino fundamental, com experiência na zona rural de Monte Belo, presta concurso para técnico do Judiciário, seguindo o conselho do marido, que lhe orientou escolher uma atividade “melhor” para trabalhar no Rio de Janeiro. Elisa sente grande dificuldade de adaptação à cidade, freqüentemente passa os finais de semana em Monte Belo. Em relação ao prédio onde morava reclama da frieza e indiferença dos vizinhos: *ninguém se cumprimenta, todos são estranhos*.

Na época do nascimento do primeiro filho, o padrinho de Bernardo lhes acena a oportunidade de aquisição da casa própria. Morador no Grajaú em um prédio de 13 andares, ele oferece apoio financeiro para aquisição de uma unidade naquele local, onde já residem além de sua família - esposa, filho e sogra - sua filha casada, logo no andar a baixo. Elisa consegue então superar a resistência com a cidade, se inserindo na rede social de conterrâneos e parentes que residem naquela localidade e vizinhanças. Além dos familiares, mantém relações amistosas com os vizinhos. Apesar da crise conjugal provocada pelo nascimento desta criança, conseguem terminar de pagar o apartamento, visualizando então o projeto de terem mais um filho para composição do grupo familiar. A vida do casal gira em torno da criação dos filhos e do trabalho e as horas de lazer desfrutam entre reuniões do grupo de parentesco e conterrâneos, ocorridas freqüentemente no salão de festas do prédio. Trata-se de um conjunto residencial com cerca de 50 apartamentos com *playground* e piscina, cuja estrutura se destaca na rua arborizada rodeada por casas e algumas lojas. O apartamento do casal possui três quartos, decorado de forma calculada de modo a aproveitar ao máximo o espaço: suíte para o casal, um quarto para cada filho. Apesar dos cômodos pequenos, e o reduzido espaço de circulação, Elisa e Bernardo não pretendem mais se mudar. Contornam a dificuldade de espaço levando as crianças para a área de lazer do

prédio, acreditando ser este imóvel, dada sua localização de proximidade da rede de parentes e amigos, o local ideal para morar. Saem pouco com os filhos, compras no supermercado, passeios no shopping, freqüência rara nas praias da cidade. Arriscam algumas vezes a passar algumas horas no “Amarelinho”, uma casa comercial que funciona como bar e restaurante nas proximidades de sua residência; Elisa, contudo, afirma ser este um programa cada vez mais raro dada a dificuldade de envolver suas crianças neste programa. Por conta destas limitações, preferem preencher os finais de semana com viagens à cidade natal.

## 5. Efeitos do lugar

Não há dúvidas de que a chegada destes dois grupos familiares na cidade do Rio de Janeiro representa o alargamento do campo de possibilidades que visualizavam em seus projetos de adquirirem “condições melhores de vida”. Os itinerários intra-urbanos percorridos apresentam como traços comuns a possibilidade de ascensão social associada à questão da aquisição da casa própria. Advindos de movimentos migratórios diferenciados no tempo, e de origem, ou seja, o primeiro grupo chega durante a década de 70 de Minas Gerais, e o segundo entre as décadas de 80 e 90, do interior do Rio de Janeiro, possuem em comum, o momento no ciclo de vida – início de uma vida conjugal - assim como a estratégia de primeiro ter acesso ao lugar, seja na condição de inquilinos ou na condição de proprietários de um imóvel inadequado para as proporções do grupo, para depois, por meio de trocas internas, se estabelecerem de forma mais definitiva.

Como grupos pertencentes às camadas médias, procuram construir a auto-definição através de práticas direcionadas à manutenção, quando não aquisição, da posição social. Faz parte do leque de composição de sua identidade a casa própria, o carro, o acesso ao lazer e viagens, o projeto de ilustração, onde as práticas de consumo atuam como barômetro de sua estabilidade. No cenário a segregação geográfica do espaço urbano, a escolha onde morar é definidora de oportunidades. Bourdieu(1997) refere-se a esta

questão como “efeitos do lugar”, ao tratar dos esforços de grupos sociais pela inclusão social. A apropriação do espaço na cidade é fundamental para se garantir o acesso a várias formas de capital inscritos no território; sejam eles ganhos de situação, acesso a bens e serviços de educação, saúde, lazer, sejam ganhos de posição de classe, onde o endereço prestigioso possibilita o acesso a redes sociais distintas.

O primeiro grupo chega à cidade já com a proposta de se instalar na Zona Sul, apresentando como motivos o local que oferecesse possibilidades de lazer aos filhos, assim como de uma boa educação. Chegam durante o período de estabilização do ciclo de crescimento da Zona Sul, que neste momento se diferencia das demais regiões da cidade pelo aporte significativo de recursos sociais e sua identificação como lócus da modernidade (Velho, 1973). A decisão do jovem casal em lançar-se na aventura da mudança para o Rio de Janeiro, “sem olhar para trás” traduz o empenho em renovação. Desvinculam-se do grupo primário, da região de origem para escreverem “sua própria história” em sintonia com o próprio projeto. Celina traz em sua experiência de vida uma série de limitações sofridas na juventude, quando chega a Belo Horizonte para estudar. Estuda em um colégio de freiras, não consegue cursar Arquitetura, segundo ela por “falta de base” pela baixa qualidade do ensino deste colégio e ainda encontra uma série de resistências por decidir-se casar com um “estranho”, colega de faculdade e não retornar para o interior para constituir família. Sua posição foi a de romper com suas raízes em momentos de tensão em incerteza no processo de individualização. Uma individualização matizada, em sintonia à margem de manobra possível para realizar seu projeto: foi através do estabelecimento do grupo familiar, onde abre mão de uma realização profissional, mas simultaneamente vive o alargamento de suas possibilidades e de sua família.

Ao perguntar-lhe se não havia tido dificuldades de adaptação à capital carioca, responde enfaticamente *“Se tivesse ido para Vila Isabel, ou outro local da Zona Norte, certamente teria me incomodado, pois seria a continuidade do que vivi no bairro Santo Antonio em Belo Horizonte. Mas em Copacabana, com aquela praia, eu achei muito agradável.”* A transformação da percepção do

setor litorâneo, com a progressiva transferência das elites e camadas médias para as proximidades da orla marítima representa o movimento de apropriação seletiva de um espaço de amenidades; fruto do processo de reavaliação dos atributos ambientais para a saúde, de oportunidade de lazer e sociabilidade.

Certamente estas questões foram decisivas no traçado do itinerário urbano deste grupo familiar que circulou pela Zona Sul, mas não se afastou da região. A conquista da casa própria revela-se como momento dramático, primeiro porque à medida que a família ascendia socialmente aspiravam um local melhor, ou seja, não foi uma mudança definitiva, num primeiro momento; segundo porque a cada vez a decisão de compra dependia de oportunidades imprevisíveis, assim como estava condicionada à possibilidade de venda do imóvel anterior, uma situação vivenciada com grande ansiedade entre a possibilidade de alargamento de seus horizontes e o confinamento à necessidade. Tal a importância da superação da situação de instabilidade do imóvel alugado, ou impróprio para seus padrões de consumo e sociabilidade, que muitas vezes, a história de suas casas faz-se recorrente na narrativa destes setores intermediários da estrutura social. A lisura se destaca como traço distintivo de superioridade moral quando Celina faz questão de enfatizar: “*Nós sempre procuramos morar no que é nosso*”.

O itinerário traçado pelo segundo grupo em relação ao primeiro demonstra a heterogeneidade característica das camadas médias, que apresentam diferenciações internas, estabelecidas por um conjunto de fatores que englobam as trajetórias dos antepassados, poder aquisitivo, possibilidades de educação e capital simbólico.

Trata-se de uma inserção mais recente na história dos fluxos migratórios para a cidade do Rio de Janeiro, caracterizado pela vinda de grandes contingentes do interior do estado, no caso, de uma cidade de pequeno porte. A Zona Norte, particularmente os bairros da Tijuca, Vila Izabel e regiões adjacentes como Grajaú se definem como local de residência tradicional de setores médios com uma ocupação do solo marcada, até a década de 70 do século passado, pela presença de residências unifamiliares. A partir de então a região assiste um movimento de verticalização se constituindo nova frente de

atuação do capital imobiliário em função da saturação de novas possibilidades na Zona Sul.

Se, como afirma Velho (1981) a possibilidade de construir e expressar projetos próprios se define como uma das maneiras de se distinguir grupos sociais, certamente este é um dos fatores diferenciadores dos dois grupos. A decisão de Elisa e Bernardo esteve desde o princípio atrelada a redes de parentesco e vizinhança, pois que seguem para a capital do estado em conformidade ao fluxo de seus conterrâneos, se estabelecendo na mesma região. A possibilidade de ascensão social, assim como a aquisição da casa própria seguem o mesmo padrão, ou seja, os dispositivos de proximidade de uma origem em comum é que conferem a possibilidade a este casal. A sua trajetória não traz a ruptura como marco definidor, pois que tentam reproduzir o universo das relações primárias no ambiente da cidade grande. Neste sentido, este grupo revela como projeto a manipulação de recursos simbólicos voltados a uma convivência tradicional, porém inserido em ambiente de maior possibilidade de ascensão social. Trata-se de uma reinvenção das possibilidades de manutenção da identidade interiorana – pois não só afirmam com orgulho o pertencimento a Monte Belo como também freqüentam esta localidade – num cenário em que “ficar lá” significa a ameaça da estagnação ou deteriorização da posição social. Aos olhos de Eliza, Monte Belo encontra-se abandonado pelo poder público tal qual o interior do estado, onde as opções para as novas gerações encontram-se limitadas.

Em termos de deslocamentos intra-urbanos as trajetórias destes grupos familiares vêm confirmar as tendências de mobilidade residencial, onde a maioria opera deslocamentos de curta distância, ou seja, mudam-se de lugar mas permanecem na mesma região (SMOLKA, 1992). Esta tendência vem reafirmar de alguma forma, que a delimitação das classes de renda sobrepõe-se às delimitações dos locais de moradia, confirmando a existência do padrão de segregação residencial e social. A mobilidade ascendente que se registrou na sociedade brasileira na segunda metade do século passado é muito menos resultado de uma fluidez maior no trânsito entre diferentes estratos do que conseqüência das transformações estruturais do sistema econômico que

abriram oportunidades para novas posições ocupacionais superiores no mercado de trabalho.( RIBEIRO & SCALON, 2001). Neste cenário as camadas médias certamente ocuparam papel preponderante no processo de modernização da sociedade brasileira. É neste campo de possibilidades que estes setores compõem sua trajetória a partir da negociação entre motivações e interpretações dos valores que pretendem seguir. As aspirações residenciais fazem parte do projeto de auto-definição marcadas pelas oportunidades de acesso. É preciso sobretudo que se diferenciem a partir de uma coerência própria frente à ameaça da indistinção, da perda da auto-determinação e do descenso social.



## 5. Referências Bibliográficas

ABRAMO, Pedro & FARIA, Tereza C. Mobilidade residencial na cidade do Rio de Janeiro: considerações sobre os setores formal e informal do mercado imobiliário. **XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. p. 421-456. Disponível em:  
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a139.pdf>.

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, Petrópolis: Vozes, 1997

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007

CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1987.

CORBIN, A. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORREA, Roberto L. A dimensão cultural do espaço – alguns temas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro. ano 1, outubro, 1995.

DUTRA, Rogéria C.A. **Família e Redes Súcias: um estudo de práticas e estilos alimentares no meio urbano**. PPGAS Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Tese de Doutorado.

LAGO, Luciana C, **Divisão sócio-espacial e mobilidade residencial: reprodução ou alteração das fronteiras espaciais?**, 2000.

Disponível em:

[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt11\\_4.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt11_4.pdf).

Acessado em : 10.03.2011

O'DOUGHERTY, Maureen. **Middle Classes, Ltda. Consumption and Class Identity during Brazil's Inflation Crisis**. University of New York. New York, 1997. Tese de Doutorado.

O'DOUGHERTY, Maureen. (1997), Middle Classes, Ltda.: Consumption and Class Identity during Brazil's Inflation Crisis. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia/City University of New York.

PACHECO, Carlos Américo e PATARRA, Neide. **Movimentos Migratórios nos anos 80: Novos Padrões?** Anais do Encontro Nacional sobre Migrações. ABEP: Curitiba. Novembro de 1997.

RIBEIRO, C.A.& SCALON, M.C. Mobilidade de classe no Brasil em perspectiva comparada. **Dados. Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro.vol44,n.1,2001. p.53-96.

SMOLKA, Martim Oscar. Expulsando os pobres e redistribuindo os ricos: "dinâmica imobiliária e segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, v.9, n.1, jan/jul 1992. p.3-21

SMOLKA, Martin O. Mobilidade intra-urbana no Rio de Janeiro: da estratificação social à segregação residencial no espaço. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas.n.9(2), 1992.p.97-114

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.